timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XIII PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 140 SETEMBRO 1997

EXPECTATIVAS E ESPECULAÇÕES

Quanto mais o processo negocial ganha raízes, maiores são as expectativas e as especulações que o envolvem.

Agosto foi um mês bastante agitado para o problema de Timor Leste.

Logo após a divulgação «*do extraordinário encontro de 15 de Julho*» (*Far Eastern Economic Review*, 14/8/97) entre o Comandante Xanana Gusmão e o Presidente Nelson Mandela, começaram a correr notícias dando como provável a libertação do dirigente timorense por ocasião das comemorações do aniversário da independência da Indonésia.

Mas, em vez de lhe concederem a libertação, as autoridades de Jacarta puseram a circular umas "insinuantes" fotografias que tiveram o condão de provocar, em Portugal, uma acalorada corrente opinativa sobre o seu significado.

Entretanto, no meio do novo ambiente que se começa a viver, duas mensagens de Konis Santana vindas do interior do território vieram alimentar o debate sobre a solução política para a questão de Timor Leste.

QUEM NEGOCIARÁ PELA PARTE TIMORENSE?

A iniciativa do Presidente Mandela, apesar de todos os seus percalços e inépcias, de todas as animosidades que gerou, veio dar uma nova amplitude internacional - a nível governamental - ao problema de Timor Leste.

De acordo com algumas fontes, Mandela teria dito a Suharto que qualquer solução para o problema passa por conversações directas com a Resistência timorense e que, neste âmbito, ele necessita de ter alguém "do outro lado" com quem dialogar. E constituiria um gesto de "boa vontade", criador de um ambiente propício para o início deste diálogo, a libertação de todos os presos políticos incluindo Xanana Gusmão. Porque, para Mandela, é óbvio que o homem de que os indonésios "precisam", o tal "alguém do outro lado", é precisamente o dirigente máximo da Resistência.

A *Far Eastern Economic Review*, uma publicação próxima do *establishment* dominante na região, publicou um artigo sobre este tema onde concluiu: «*Segundo fontes diplomáticas, o director dos assuntos políticos da ONU Francesc Vendrell foi informado pelo Secretário de Estado Murdiono, o principal adido de Suharto, que a Indonésia estava pronta a considerar tudo excepto o referendo - incluindo a autonomia. "Mas a pergunta, salienta um diplomata sediado em Jacarta, é, que espécie de autonomia? E quem negociará pelo lado timorense?".*

De acordo com este diplomata, Portugal não tem reputação de fazer concessões e Ramos-Horta da Fretilin [sic] *é vulnerável porque não tem autoridade moral para fazer um acordo. O que, por exclusão de partes, deixaria apenas os dois bispos católicos, (...), Ximenes Belo e Basílio do Nascimento (...).*» (*FEER*, 14/8/97).

Independentemente das conveniências de visão, o que é cada vez mais adquirido é o papel chave que vai ser desempenhado pela parte timorense.

O encontro entre o embaixador Marker, representante especial de Kofi Annan para a questão, com o Presidente da África do Sul em Pretória, constituiu mais uma pequena peça na construção deste novo cenário.

Do que saiu a público, duas declarações são de reter: uma de Marker - «*claramente, não se pode alcançar uma solução* [para o problema] *sem a participação do povo de Timor Leste*» - outra de Mandela, em que este se ofereceu para ser o anfitrião de conversações de paz entre o governo indonésio e resistentes timorenses (*Reuter*, 26/8/97).

Significativamente, o regime indonésio ignorou a primeira daquelas declarações e desvirtuou a segunda: um porta-voz do seu Ministério dos Negócios Estrangeiros comentou que não via nenhum interesse em mudar os encontros intra-timorenses de Viena para Pretória!

Foi, sem dúvida, levado pelo efeito Mandela que o Presidente zambiano Frederick Chiluba abordou - «*num contexto alargado*», como sublinharam as autoridades de Jacarta - o problema de Timor Leste com Suharto no encontro que teve com este na capital indonésia (*Kompas*, 23/8/97). Alatas

neste número:

EXPECTATIVAS E ESPECULAÇÕES

AVENTURA FALHADA EM TIMOR

desabafaria mais tarde: «*Todos os MNE que nos visitam levantam sempre a questão de Timor Leste ...*» (*Straits Times*, 28/8/97).

REFORÇAR A CAPACIDADE DE DIRECÇÃO

«*Nós, no interior da Pátria, apesar das dificuldades de toda a ordem, estamos envidando todos os esforços no sentido de reforçar cada vez mais as fileiras da nossa unidade.*»

Assim escreveu o Comandante Konis Santana na sua mensagem aos compatriotas na diáspora. «*(...) Continuamos a reforçar a nossa unidade, a unidade de todos os combatentes da Pátria nas montanhas como nas vilas e é essa conjugação de esforços que nos tem permitido provocar avanços no plano interno, no plano organizacional, no plano da mobilização, e nos tem garantido capacidade de prosseguimento da Luta.*»

Mas a unidade não é só a base da sobrevivência da luta. É também a base da construção de uma direcção política à altura dos desafios que se colocam hoje à Resistência timorense.

«*Asseguro-vos, queridos compatriotas, que tudo estamos fazendo para que seja instaurada uma nova estrutura capaz de congregar todas as forças políticas e sociais da Resistência. Nós, no interior da Pátria, estamos compenetrados de que o problema da Direcção é um problema crucial e, por isso mesmo, estamos empenhados no sentido de recompor a Direcção da luta, dando-lhe maior capacidade de combate.*

Vós, queridos companheiros, aí fora tendes todas as possibilidades, tendes tempo e oportunidade, para desenvolver esforços no sentido de conseguir a formação de uma estrutura da resistência consensual e de uma Direcção também consensual. (...).

Aceitaremos tudo quanto democraticamente for escolhido, for decidido. Será com total humildade que aceitaremos todas as decisões. E não deverá surpreender ninguém, caros companheiros, se hoje, ou se amanhã, tivermos que dar lugar a outros companheiros para darem o melhor de si à Luta. Pois devemos, nós todos, estar conscientes de que toda a estrutura não é insubstituível. As estruturas são definidas para responder a uma dada necessidade da Luta e quando esta já não corresponde às necessidades da Luta deve ser alterada, modificada.»

Dois dias depois de ter sido divulgada esta mensagem, a *TVI* tornava pública uma segunda, agora dirigida ao governo português. Nela Konis Santana coloca várias interrogações ao Primeiro Ministro António Guterres, uma das quais, pelo ambiente que hoje se vive, encontrou largo eco internacional.

O actual dirigente máximo da Resistência no interior do território pôs a hipótese - Konis apresentou-a como um «*modelo de trabalho viável*» - de Timor Leste se transformar num Estado associado à Indonésia - de que é exemplo Porto Rico, em que a defesa e os negócios estrangeiros residem nas mãos dos E.U.A. - desde que essa opção fosse avalizada em referendo, integrando um conjunto de opções possíveis.

Esta hipótese, no seu essencial, não trouxe nada de novo. Ramos-Horta, na última sessão da Comissão de Descolonização da O.N.U., já tinha afirmado: «*Deve ser dado aos timorenses o direito a governar o seu próprio país. Exemplos de uma genuína autonomia política e administrativa abundam, e que atestam da abertura e da tolerância de todos os envolvidos, tal como os Açores, a Madeira, Macau, o país Basco e as Ilhas Cook, para mencionar apenas alguns exemplos. A questão mais delicada do estatuto legal do território deverá ser decidida numa fase posterior.*»
Mas teve a virtude de chamar a atenção para a componente política interna e reafirmar a enorme disponibilidade para o diálogo da parte timorense, num momento em que o ministro Alatas não se cansa de reiterar a intransigência de Jacarta.

ESPECULAÇÕES

Aparentemente, as fotografias tiradas a Xanana Gusmão em Cipinang, no dia 17 de Agosto (festa nacional indonésia, em comemoração da sua autoproclamada independência em 1945), só tiveram impacto na imprensa indonésia e... na imprensa portuguesa.

A casca de banana comprovou todos os seus dotes: sem nenhum esforço para obter informação complementar, analistas, políticos e jornalistas portugueses discorreram abundantemente sobre o significado das imagens divulgadas por Jacarta e o estado de espírito e intenções políticas do dirigente timorense.

De repente, foram esquecidos acontecimentos fundamentais dos últimos meses: os encontros de Xanana Gusmão com o embaixador J. Marker e com o Presidente Nelson Mandela, assim como algumas entrevistas que conseguiu (e arriscou) dar a jornalistas indonésios e portugueses. Como é bom especular sem o receio de que o visado possa responder em tempo útil!

Decidimos contactar com Jacarta e pedir dados concretos. Algumas (poucas) semanas depois, o quadro obtido permite ler de uma forma diferente o que se passou nesse domingo na prisão de Cipinang.

O dia era de festa, não só para o regime, como para os presos indonésios: haveria visitas para todos e prémios entregues no final de uma série de torneios relativos às modalidades praticadas na cadeia: basquetebol, voleibol, badminton, ténis de mesa e futebol.

De manhã cedo chegaram os altos funcionários do regime e teve lugar a cerimónia protocolar do dia nacional: içar da bandeira, Pancasila, discursos. Os três presos timorenses - Fernando Araújo, João Freitas da Câmara e Xanana Gusmão - não compareceram.

Mais tarde, depois dos últimos jogos, chegou o momento da entrega das taças. Embora não tivesse sido a equipa de Xanana a ganhar a disputa, ele foi reconhecido como "capitão honorário" e escolhido para receber a distinção, em nome de todos os companheiros presos, em reconhecimento da acção dinamizadora empreendida a favor da prática desportiva em Cipinang, num ambiente de total desinteresse e falta de apoio por parte da direcção da cadeia.

A taça, orgulhosamente empunhada em sinal de uma pequena vitória na luta pela melhoria das condições de existência numa prisão de alta segurança, repleta de presos políticos e de presos comuns, foi por eles comprada, na base de quotizações individuais e encomendada, claro, ao gosto indonésio ("por acaso", de acordo com a esmagadora maioria da população prisional).

Este tipo de jogos datam já de há muito tempo. O "bloco Tim-Tim" é justamente temido no que diz respeito ao futebol, desde que chegaram a Cipinang os primeiros presos timorenses, no início da década de 80.

Neste momento há 8 equipas, que representam, grosso modo, os vários blocos existentes. Mas mais do que um jogador, cuja "fama" ultrapassou já as fronteiras indonésias, Xanana Gusmão tem outras preocupações e ideais. Conseguiu tornar o futebol uma arma para a mobilização dos presos e para a sua emancipação. Quem está sujeito a um regime de reclusão

durante largos meses, anos ou décadas (há ainda homens condenados à morte ou a prisão perpétua no seguimento do golpe de Estado comandado por Suharto em 1965) sabe o que isso significa!

Depois de meses de insistência junto da direcção da cadeia, foi autorizado pela primeira vez este ano um pedido extraordinário: a disputa regular de jogos entre equipas de presos e equipas vindas do exterior. Uma lufada de ar fresco, o contacto com colegas da modalidade que trazem consigo o dia-a-dia vivido fora da prisão!

Foi também reconhecida a possibilidade de jogarem em conjunto, como membros das mesmas equipas, presos políticos e presos comuns. Uma opção fundamental na construção da solidariedade entre ambos os grupos!

As novas condições e o entusiasmo de Xanana motivaram os detidos adeptos deste desporto a organizarem-se no sentido de criar um fundo para a compra de equipamento para cada jogador e, chegado o momento, para a aquisição da taça.

Porque não havia o dirigente timorense de estar particularmente satisfeito, em dia de reconhecimento dos seus colegas e de contacto directo com as numerosas visitas que acorreram a Cipinang?

Porque hão-de os jornalistas, a classe política e os chamados analistas ter sempre uma opinião a transmitir sobre um assunto de que nada sabem? Quando é que se começará a ganhar o saudável hábito de recolher informação antes de encher páginas de jornais e ondas de rádio com especulações?

A Indonésia acertou em cheio! Já não é a primeira vez: em Julho de 1983 - quando chegaram a Portugal as primeiras notícias do acordo de cessar-fogo celebrado entre o exército indonésio e a guerrilha timorense - o jornal *O Tempo* publicava uma fantasiosa (no mínimo) "entrevista por telefone" a Xanana Gusmão em que este afirmava que tinha trocado a luta pela aceitação de uma generosa oferta: um relógio e um carro.

Nas vésperas da missão parlamentar portuguesa se deslocar a Timor, correram boatos de que Xanana tencionava entregar-se quando a delegação chegasse a Díli - e esse teria sido um dos motivos invocados para o cancelamento da visita, opção que proporcionou, como se sabe, o clima que levaria ao massacre de 12 de Novembro de 1991.

Para não falar de toda a tinta e saliva que correram logo a seguir à sua prisão, no ano seguinte, e depois durante o seu julgamento ...

Pelos vistos, três fotos de um dirigente timorense bastam para pôr em causa o seu pensamento e a sua credibilidade depois de tantos anos de luta e de direcção política. Uma direcção política reconhecida como indespensável neste processo, por Nelson Mandela e pelas Nações Unidas.

AVENTURA FALHADA EM TIMOR

Há muito que o mundo sabe do número de mortes timorenses em resultado da invasão indonésia. Numa entrevista dada à *Radio Netherlands* em 1995 e parcialmente publicada pela revista australiana *Inside Indonesia* em Julho de 1997, o tenente-coronel Subyanto fala das baixas indonésias.

«Nos inícios de 1976 o agora na reserva tenente-coronel Subyanto recusou-se a ser reenviado para Timor Leste. Fomos encontrá-lo numa cidade em Java Oriental.

P: Porque se recusaram alguns soldados indonésios a cumprir ordens?

R: Porque lemos algumas coisas sobre Timor Leste. Apesar de colonizado por Portugal durante 350 anos nunca ocorreram massacres em massa. Mas depois do governo indonésio ter enviado para lá a ABRI [Forças Armadas da Indonésia], *esta massacrou os timorenses.*

P: Foi errado o que a ABRI fez?

R: Na minha opinião roubou aos timorenses a sua soberania porque eles já eram independentes na altura. Por isso porque devia a ABRI ir para Timor Leste com o propósito expresso de ocupar o seu território?

P: Lutou contra a Fretilin?

R: Contra os timorenses. Eu não sabia nada sobre a Fretilin. Só sabia que eram timorenses.

P: Que retrato era feito da Fretilin?

R: Os timorenses que escaparam para as montanhas quando os soldados indonésios atacaram foram chamados Fretilin.

P: O que diziam os seus colegas?

R: Amigos meus que lá estiveram discordavam. Houve demasiadas mortes. Eles eram pessoas como nós. Quisessemos ou não eramos mandados para lá. Depois era demasiado tarde, tinhamos que nos defender. Foi difícil. Eramos da cidade e tivemos que ir para o mato.

P: O que aconteceu quando se recusou a voltar?

R: Durante 3 ou 4 anos não fui promovido.

P: Não foi um acto anti-patriótico, o seu?

R: Pode chamar-lhe anti-patriótico. A ABRI tem que seguir ordens. Mas uma vez que conhecia um pouco da história pensei que, se fosse, ía apenas matar gente vulgar. Claro que temos que seguir ordens mas não estamos autorizados a fazer isso. Somos seres humanos.

P: E quanto às baixas da ABRI?

R: Se se contar desde o início até agora, bom, não são só mil ou dois mil. Podem ser cinco ou dez mil ou mesmo mais. Quando uma companhia era completamente destruída seguia outra para o seu lugar. Isto não contando com os timorenses.

P: Os soldados indonésios perceberam quantos timorenses tinha morrido?

R: Sim, claro. Os nossos inimigos deviam ser só da Fretilin, não os vulgares camponeses. Mas nesse momento eramos totalmente estranhos uns para os outros. Todos os timorenses eram vistos como os que estavam no mato.

P: O que acontecia aos soldados que voltavam?

R: Dos que conseguiam regressar vivos muitos estavam inválidos. Mas isso foi mantido em segredo pelo nosso governo. Se sobreviviam eram levados de volta para a Indonésia. Mas nem as suas famílias sabiam disso. Só os seus superiores sabiam em que hospital eles estavam.»

BRASIL: CONQUISTA DE APOIOS

O Comité Brasiliense de Solidariedade ao Povo do Timor Leste (CBSPTL) participou, no passado dia 1 de Agosto, num fórum político realizado em Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul) denominado "Foro de São Paulo", que contou com a participação de dirigentes de partidos políticos e sindicatos de muitos países da América Latina.

Durante o fórum foi apresentada uma moção onde se apelava aos governos da América Latina para um inequívoco apoio ao cumprimento das Resoluções aprovadas no âmbito da ONU que prevêem a retirada das tropas indonésias de Timor, a libertação dos presos políticos e a realização de um referendo para que o povo timorense possa decidir do seu futuro.

Esta moção foi assinada por, entre outros, vários deputados federais brasileiros (do Partido dos Trabalhadores, do Partido Comunista do Brasil, etc.), um senador haitiano, dirigentes de vários sindicatos brasileiros, presidentes das câmaras municipais das capitais estaduais de Belém (Estado do Pará) e de Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul), a presidente da Confederação das Mulheres do Brasil e dirigentes do Movimento dos Sem Terra. Foi ainda subscrita por dirigentes dos partidos comunistas da Argentina, Colômbia e Peru, dos partidos socialistas do Uruguai e da Venezuela e da Frente Sandinista da Nicarágua.

Entretanto, na sequência da morte do Comandante David Alex, o CBSPTL escreveu ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Luiz Lampreia, no passado dia 2 de Julho, solicitando a «*condenação oficial do assassinato de David Alex e o apoio ao envio de uma comissão de organismos internacionais para investigar as condições do seu assassinato (...)*». Solicitou igualmente que o «*Brasil interceda junto da comunidade internacional e do governo da Indonésia exigindo o respeito pela integridade física dos cidadãos timorenses José António Belo, Manoel Loke Matan e Gil, aprisionados juntamente com David Alex, que se encontram incomunicáveis em instalações militares indonésias*».

17 DE AGOSTO CELEBRADO

O passado dia 17 de Agosto, data em que se comemorou o 52º aniversário da independência da Indonésia, foi fértil em manifestações de protesto em frente de representações diplomáticas daquele país.

Em Otava (Canadá), enquanto a embaixada indonésia levava a cabo uma cerimónia comemorativa da data, concentraram-se no seu exterior alguns activistas que se insurgiam contra o trágico registo de torturas e execuções extra-judiciais que ocorre naquele país do sueste asiático.

Perante a impossibilidade, por parte do pessoal da embaixada, em terminar com a manifestação de protesto, a polícia local foi chamada tendo-lhe sido transmitido pelo porta-voz da embaixada, Achsan Djunaedi, que «*na Indonésia isto* [o protesto] *não acontecia*». Em resposta, os agentes da autoridade fizeram questão de lembrar que, no Canadá, é um direito da população poder manifestar-se livremente, de forma pacífica (*The Ottawa Citizen*, 18/8/97).

O mesmo direito de manifestação teve a polícia americana de Los Angeles de assegurar que era respeitado, através da sua presença em frente do consulado indonésio naquela cidade californiana, na sequência de um grupo de activistas do *East Timor Action Network* (ETAN) ter igualmente aproveitado o dia para se concentrar em frente ao consulado, enquanto decorria a cerimónia oficial promovida pela representação diplomática em causa, na qual estavam presentes convidados americanos e centenas de indonésios moradores na região, a quem foram distribuídos pequenos folhetos, em inglês e indonésio, acerca da violação dos direitos do povo timorense.

Também Melbourne (Austrália) foi palco de protestos, tendo elementos da comunidade timorense manifestado em frente do consulado indonésio daquela cidade, enquanto decorriam as cerimónias no interior da mesma. «*Enquanto os convidados entravam no edifício, os ruidosos manifestantes, munidos de megafones e um sistema de PA, totalizando cerca de 150 pessoas, cantavam palavras de ordem, apelando ao governo indonésio para deixar Timor Leste*». (*AAP*, 17/8/97). De acordo com um porta-voz timorense, pretendeu-se assim transmitir à Indonésia que «*a independência que* [as autoridades indonésias] *celebram, foi negada ao povo de Timor*». Do interior da representação diplomática, os organizadores tentaram abafar o protesto através de música gravada num alto volume.

INDONÉSIA: IMPRENSA ADVERTIDA

Três diários de Jacarta (*Republika, Suara Pembaruan* e *Merdeka*) foram advertidos pelo Ministro da Informação indonésio, general Hartono, depois de terem publicado artigos sobre a recente e importante queda da cotação da rupia.

Os chefes de redacção destes jornais foram avisados de que se deviam abster de publicar artigos que pudessem ter um efeito negativo sobre a moeda indonésia. «*O Republika e o Suara Pembaruan foram ambos avisados por terem publicado, em primeira página, um artigo sob o título "Rupia cai". Contudo o jornal Jakarta Post, que também publicou um artigo com o mesmo título, não foi molestado, aparentemente porque esse artigo apareceu numa página interior*» (*SiaR*, 16/8/97).

Outros jornais não foram advertidos, muito embora tenham publicado artigos afirmando praticamente o mesmo. Por exemplo, o diário *Kontan* não terá sido admoestado aparentemente por ter usado o título «*Dólar valoriza-se*» para escrever sobre a matéria em causa.

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-2ª E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org; URL: http://cygnus.ci.uc.pt/~cdpm/index.htm
IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317